

## O FENÔMENO BULLYING: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Data de submissão: 14/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

**Paulo Roberto Cleyton de Castro  
Ribeiro**

### 1 | REVISÃO DE LITERATURA

#### 1.1 Definição

A violência sistematizada entre pares dentro e fora das escolas é um dos principais problemas dos educadores, mas por ser um assunto ainda pouco estudado e debatido por pesquisadores brasileiros, muitos profissionais da educação ainda não conseguem identificar esse tipo de agressão como *bullying*. Falta embasamento teórico do perfil dos envolvidos em situações de agressão repetitiva e sistemática, o que leva muita das vezes o profissional a negligenciar o problema (LISBOA, 2009).

Por definição o *bullying* é o fenômeno pelo qual uma criança ou um adolescente é sistematicamente exposto a um conjunto de atos agressivos (diretos ou indiretos), que ocorrem sem motivação aparente, mas de forma intencional, protagonizados por um ou mais agressores (LISBOA, 2009).

Essa interação grupal é caracterizada por desequilíbrio de força e ausência de reciprocidade, a vítima possui uma insuficiência ou quase nenhum recurso para evitar a e/ou defender-se da agressão (SAMIVALLI, 1998).

O que fundamentalmente distingue esse processo de outras formas de agressão é o caráter repetitivo e sistemático, e a intencionalidade de causar dano ou prejudicar alguém que normalmente é identificado como mais frágil e que dificilmente consegue se defender ou reverter à situação (SAMIVALLI, 1998).

#### 1.2 História do *Bullying*

O termo *bullying* não possui tradução literal para o português, *bully* é um adjetivo inglês que significa valentão ou tirano. O termo em inglês se alastrou por toda a Europa e por outros continentes. Na França o fenômeno é chamado de *Harcèle-ment quotidien*, na Itália é chamado de *Prepotenza* ou mesmo de *bullying*, na Alemanha é denominado como

*Aggressionem unter schülern* e no Japão é conhecido como *Ijime* (CHALITA, 2008). O *bullying* ainda pode ser traduzido por intimidação, o que reduz a complexidade do fenômeno a um comportamento de ameaças e intimidações (GUIMARÃES, 2009).

O *bullying* é tão antigo quanto à escola, mas não há nenhum dado confiável sobre o tema antes da década de 1970. Foi só a partir de estudos realizados entre 1972 e 1973, na Escandinávia é que se pode ter uma real noção do problema presente em todas as instituições de ensino (CHALITA, 2008).

De acordo com Cavalcante (2004), a primeira pessoa a relacionar a palavra *bull* ao *bullying* foi o professor Dan Olweus, da Universidade da Noruega. Ao estudar sobre as tendências suicidas entre jovens, Olweus concluiu que a maior parte destes adolescentes tinha sofrido algum tipo de ameaça ou intimidação e sendo assim, percebeu que o *bullying* deveria ser combatido.

Tudo iniciou com as investigações do professor Olweus no começo dos anos 70, sobre o problema dos agressores e suas vítimas no contexto escolar. Já na década de 80 ocorreu que três alunos entre 10 e 14 anos, cometeram suicídio e estes incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de *bullying*, despertando, então, a atenção das instituições de ensino (ABRAPIA, 2003).

Em seus estudos, Olweus observou 84.000 estudantes, de 300 a 400 professores e 1000 pais, com o objetivo de avaliar à ocorrência e a natureza do *bullying*. Foi adotado o uso de um questionário elaborado pelo próprio Olweus, constituído de um total de 25 questões com respostas de múltipla escolha. O questionário serviu para fazer a verificação da frequência, tipos de agressões, locais de maior risco, tipos de agressores e outros quesitos (ABRAPIA, 2003).

Os resultados dos estudos, revelou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em casos de *bullying*, e em 1993 ele publicou um livro com o título “*Bulling at School*”, apresentando e debatendo o problema e os resultados de sua pesquisa. Essa obra deu origem a uma campanha nacional, com o apoio do Governo Norueguês que reduziu em cerca de 50% os casos de *bullying* nas escolas (ABRAPIA, 2003).

Atualmente diversas pesquisas e programas de intervenção anti-*bullying* vêm se desenvolvendo em toda a Europa e também na América do Norte, mas há outras localidades onde esse estudo ainda é muito escasso. Esse é o caso do Brasil, onde nos últimos anos foram observados na mídia vários casos que se caracterizam como *bullying*, evidenciando mais uma vez a necessidade de um plano nacional contra esse fenômeno. Estudos estimam que o Brasil se encontre 15 anos atrasado em relação aos estudos sobre o *bullying*, ao se comparar com os países Europeus, segundo (SILVA e FANTE, 2006).

### 1.3 Características Gerais

O *bullying* pode ser classificado de duas maneiras, podendo ser direto ou indireto. O *bullying* em sua forma direta consiste em agressões físicas, apelidos cruéis, ameaças, roubo ou estrago de pertences da vítima, ofensas verbais ou atitudes que geram desconforto nos alvos, essa modalidade do *bullying* é mais praticado pelos meninos. Já a forma indireta ocorre quando a vítima não está presente, baseia-se em atitudes de difamação, exclusão e indiferença, essa forma de agressão é mais difícil de perceber, afetam principalmente a saúde psíquica das vítimas, é o método usado principalmente pelas meninas (NETO, 2005).

O *bullying* é um fenômeno bastante complexo e composto por vários agentes, entre eles estão: o indivíduo provocador, agressor ou autor, que pode ser representado por uma pessoa ou um grupo de agressores. Existem os alvos ou vítimas do *bullying*, que podem ser um indivíduo ou um grupo que é perseguido, agredido, excluído e humilhado. Há também os alvos agressores e por fim as testemunhas que vivenciam a rotina de agressão entre os alunos (CARVALHOSA *et al.*, 2001).

O perfil dos autores se caracteriza por alunos que só praticam o *bullying*, geralmente tem pouca empatia, fazem parte de uma família na qual há pouca relação afetuosa entre seus membros e tem a violência como exemplo de procedimento e demonstração de poder. Além disso, procuram investir contra pessoas que geralmente apresentam obesidade, baixa estatura, deficiência física ou mental e diferentes aspectos culturais, étnicos ou religiosos (SANTOS e BARROS, 2010).

Segundo Neto (2005), alvos são os alunos que só sofrem *bullying*, considerando alvo o aluno exposto de forma repetida e durante algum tempo às ações negativas praticadas por um ou mais alunos. O aluno alvo tem poucos amigos, é passivo, retraído e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade, sua autoestima pode estar tão comprometida a ponto de acreditar ser merecedor dos maus-tratos sofridos.

Alvos agressores são os alunos que às vezes sofrem e outrora praticam *bullying*, podem ser depressivos, inseguros e inoportunos, portanto, procuram humilhar os colegas para encobrir suas limitações. Diferenciam-se dos autores típicos por serem impopulares e pelo alto índice de rejeição entre seus colegas e por vezes pela turma toda. Sintomas depressivos, pensamentos suicidas e distúrbios psiquiátricos são mais frequentes nesse grupo (NETO, 2005).

Testemunhas são os alunos que não sofrem nem praticam *bullying*, mas convivem em um ambiente onde há a sua ocorrência. A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying*, e geralmente se calam por medo de ser “a próxima vítima”, e por não saberem como agir e também por descreverem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como a legalização de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos (NETO, 2005).

Os alunos que fazem parte do grupo agressor, identificados como assistentes ou seguidores, raramente tomam a iniciativa da agressão, são inseguros ou ansiosos e se subordinam à liderança do autor para se proteger ou pelo prazer de pertencer ao grupo dominante (NETO, 2005).

O comportamento agressivo entre pares vem ganhando mais força com a internet. O *Cyberbullying*, a versão *on-line* da prática, tem potencial para fazer ainda mais vítimas que o *bullying* tradicional. A versão virtual do fenômeno ocorre através de e-mails, páginas na web, sites de relacionamentos, programas de bate-papo, mensagens via celular, favorecido na maioria das vezes pela facilidade do anonimato, variação que vem tomando proporções geométricas (GUIMARÃES, 2009).

O *bullying* pode ocorrer em diversos locais dentro do ambiente escolar e até mesmo fora da escola, durante o percurso em que a criança ou adolescente faz entre sua casa e a escola. Dentro da instituição de ensino o *bullying* pode ocorrer dentro das salas de aula, nos corredores, durante as aulas e nos intervalos. A pouca atenção dada aos recreios no cotidiano das escolas transforma esse espaço em um ambiente propício para a prática da intimidação e agressividade entre alunos (SILVA, 2006).

Uma pesquisa feita em Portugal com 7.000 estudantes mostrou, entre outras questões, que o local mais comum de ocorrência de maus-tratos é o pátio de recreio com 78% dos casos, seguidos dos corredores com 21,5% dos casos (SILVA e ALMEIDA, 2006).

Outro estudo envolvendo cerca de 1.000 crianças confirmou que é no intervalo onde existe o maior número de alunos vítimas de agressões, devido à vigilância escassa por parte dos responsáveis pela segurança dos alunos (FANTE, 2005).

## 1.4 Causas Prováveis

Segundo Barros (1993), citado por Ramos (2008), as mudanças que ocorre na adolescência, é um fator que pode influenciar em muito, os casos de violência entre alunos. Ainda de acordo com Barros, essa fase da vida é representada, principalmente para os pré-adolescentes, como uma fase de muitas mudanças e pressão. É durante esta etapa da vida que o individuo em formação, enfrenta pela primeira vez a pressão de escolher uma profissão, de se tornar mais independente, pressões sexuais e mudanças físicas – hormonais, portanto, durante esse período o jovem se encontra, mesmo que de forma inconsciente, procurando desesperadamente a aceitação dos pares, e quando não há essa aceitação, as consequências podem ser diversas, desde auto exclusão até mesmo à auto afirmação através da força.

A etapa que percorre a adolescência é o período onde o individuo irá de fato, consolidar a sua personalidade, e para esse fim é normal que os mesmos procurem se encaixar em algum grupo social. Os adolescentes costumam se reunir em grupos que possuem a mesma faixa etária, mesma classe social, mesmo gosto musical, que se vestem

parecidos, da mesma raça e cultura, a fim de se sentirem aceitos e normais (RAMOS, 2008).

Portanto, é completamente normal que jovens procurem se agruparem, mas, no entanto, pode se imaginar o grau de sofrimento dos jovens que não conseguem ser aceitos por nenhum grupo social, estando sempre sozinhos, intensificando desta forma os sentimentos depressivos ou de cólera. A exclusão, somada as chacotas decorrentes da prática do *bullying*, pode gerar uma gama de sentimentos patológicos nos indivíduos em formação, podendo trazer consequências irreversíveis para os mesmos (RAMOS, 2008).

A adolescência é marcada pela necessidade de demonstração de auto suficiência social, já que a saída da infância, caracterizada pela proteção e segurança proporcionada pela família, desperta no inconsciente do indivíduo em formação a necessidade de afirmação e independência em relação a família (VIEIRA, 2004).

Neste período, ocorrem diversas modificações relacionadas a fatores biológicos, há o aumento considerável dos níveis de três hormônios: androgênios da suprarrenal, esteroides sexuais e gonadotropinas, que influenciam fisiologicamente o comportamento juvenil (VIEIRA, 2004).

É o córtex suprarrenal que produz os andrógenos, porém em pouca quantidade. É após a puberdade, nos homens, os andrógenos são também produzidos, em muita maior quantidade pelos testículos. Assim, a quantidade de andrógenos secretada pelas glândulas suprarrenais geralmente é tão baixa que seus efeitos são insignificantes (TORTORA, 2006).

Nas mulheres, entretanto, os andrógenos desempenham papéis importantes: contribuem para o impulso sexual, e são convertidos em estrógenos que são esteroides sexuais feminizantes. Após a menopausa, quando cessa a secreção ovariana de estrógenos, todos os estrógenos femininos originam-se da conversão de andrógenos suprarrenais, esses andrógenos também estimulam o crescimento de pêlos axilares e púbicos nos meninos e meninas, assim como contribuem para o pico de crescimento no inicio da puberdade (TORTORA, 2006).

Os principais esteroides sexuais são representados pelos estrógenos e progesterona, nas meninas, e testosterona, nos meninos. Os esteroides femininos são produzidos pelos ovários, que juntamente com os hormônios folículo estimulante e o hormônio luteinizante, produzidos pela adeno-hipófise que são os dois principais hormônios do tipo gonadotrofinas, regulam o ciclo menstrual, mantêm a gravidez, preparam as glândulas mamárias para a lactação e ajudam a manter a forma corporal feminina (TORTORA, 2006).

Na puberdade, a testosterona, produzida nos testículos, juntamente com o andrógeno diidrotestosterona, causam o desenvolvimento e aumento dos órgãos sexuais internos masculinos e o desenvolvimento das características sexuais secundárias masculinos. Estas incluem o crescimento muscular esquelético e ósseo, que resulta em ombros largos, quadris estreitos e maior força física, em pêlos pubianos, axilares, faciais e peitorais, no aumento da secreção das glândulas sebáceas e aumento da laringe, que resulta no

“engrossamento da voz” (TORTORA, 2006).

Segundo Vieira (2004), as meninas conseguem administrar de forma melhor as mudanças decorrentes da puberdade, Vieira comenta o seguinte:

Para facilitar o relacionamento entre professor-aluno e contornar possíveis situações do cotidiano, é importante que o professor perceba que o pensamento abstrato das meninas começa a se desenvolver nesta fase. Portanto, a capacidade de entendimento aumenta bastante e de forma global. Já os púberes masculinos sentem a transformação no corpo e não conseguem administrar e compreender tudo que os hormônios lhes confere, enfatizando assim o principal atributo: a força bruta. Eis aí o início do problema de agressividade e violência nas escolas (VIEIRA, 2004: p. 14).

Segundo Fante (2005), as causas desencadeadoras da prática da violência entre alunos, são muitas, sendo que as principais: “Deve-se à carência afetiva, à ausência de limites e ao modo de afirmação de poder e de autoridade dos pais sobre os filhos, por meio de “práticas educativas” que incluem maus-tratos físicos e explosões emocionais violentas”.

## 1.5 Consequências do *Bullying*

As implicações das ações decorrentes do *bullying* deixam sequelas em todos os envolvidos, sendo autores, alvos, alvos/autores e testemunhas. As consequências geralmente são insegurança, depressão, baixo rendimento escolar, dificuldade nos relacionamentos afetivos e podem levar ao desenvolvimento de atos delinquentes como também ao suicídio (SANTOS e BARROS, 2010).

A autora Cleonice Fante, em sua obra, *Fenômeno Bullying*, publicada no ano de 2005, traz em um de seus capítulos, a discussão sobre o fenômeno *bullying* e as suas consequências psicológicas.

Em estudos realizados por esta pesquisadora, os alunos autores do *bullying*, admitiram que o motivo principal que os levam a praticar a violência entre os mesmos, está na necessidade de reproduzir contra os outros, os maus tratos sofridos em casa e na própria escola. Os resultados desses estudos possibilitaram pela primeira vez, o diagnóstico de uma patologia psicossocial, denominada de Síndrome de Maus tratos Repetitivos - SMAR (FANTE, 2005).

Ainda de acordo com a autora, é possível afirmar que os alunos que sofrem com a Síndrome de Maus tratos Repetitivos – SMAR possuem a necessidade de:

... dominar, de subjugar e de impor sua autoridade sobre outrem, mediante coação; necessidade de aceitação e de pertencimento a um grupo; de auto-afirmação, de chamar a atenção para si. Possui ainda, a inabilidade de expressar seus sentimentos mais íntimos, de se colocar no lugar do outro e de perceber suas dores e sentimentos.

Esta Síndrome apresenta rica sintomatologia: irritabilidade, agressividade, impulsividade, intolerância, tensão, explosões emocionais, raiva reprimida,

depressão, stress, sintomas psicossomáticos, alteração do humor, pensamentos suicidas. É oriunda do modelo educativo predominante introyetado pela criança na primeira infância. Sendo repetidamente exposta a estímulos agressivos, aversivos ao seu psiquismo, a criança os introyeta inconscientemente ao seu repertório comportamental e transforma-se posteriormente em uma dinâmica psíquica “mandante” de suas ações e reações. Dessa forma, se tornará predisposta a reproduzir a agressividade sofrida ou a reprimi-la, comprometendo, assim, seu processo de desenvolvimento social (FANTE, 2005: p. 203).

A médica Ana Beatriz Barbosa Silva, Pós – Graduada em Psiquiatria, pela UFRJ, autora do livro *Mentes Perigosas nas Escolas, bullying*, publicado em 2010, discorre no capítulo 1 da obra citada, sobre os sintomas psicossomáticos que atingem os envolvidos em situações repetitivas de agressões, principalmente os alvos. A autora comenta sobre os principais problemas com que se depara em seu consultório:

Os pacientes tendem a apresentar diversos sintomas físicos, entre os quais podemos destacar: cefaleia (dor de cabeça), cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas (enjoo), diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de “nó” na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular, formigamentos.

Vale a pena ressaltar que estes sintomas, sejam isolados ou múltiplos, costumam causar elevados níveis de desconforto e prejuízos nas atividades cotidianas do indivíduo (SILVA, 2010: p. 25).

Ainda de acordo com Silva (2010), um dos casos mais frequente e mais representativo do sofrimento dos seus pacientes, está atrelado ao Transtorno do Pânico, que é uma patologia psicossomática que possui por base ataques intenso de medo. Os indivíduos que sofrem desta doença apresentam sem motivo concreto sensações de pânico generalizado, podendo apresentar sintomas como: taquicardia, calafrios, boca seca, dilatação da pupila, suores e etc. O transtorno do pânico dura entre vinte e quarenta minutos e é um dos momentos mais angustiantes que um indivíduo pode vivenciar (SILVA, 2010).

Além das consequências psicológicas e físicas, o baixo rendimento escolar, é uma das sequelas que afeta todos os envolvidos, mas principalmente os alvos. Há uma distorção no processo cognitivo dos indivíduos que sofrem com o *bullying*, levando alunos que antes tinham notória participação, a deixar de questionar quando há presença de dúvidas. Isso ocorre por que o aluno já se encontra tão fragilizado, que ele mesmo acredita que qualquer ato seu, pode ser motivo para chacotas, até mesmo o fato de tirar uma simples dúvida com professor (RAMOS, 2008).

Quando não há nenhuma intervenção, alguns alunos chegam a largar a escola, por desacreditar que nunca serão aceitos e por temerem a constante ridicularização. Outros pedem transferência da escola, na esperança de escapar dos maus tratos sofridos, e para evitar a convivência com os autores de *bullying* (RAMOS, 2008).

Nos relatórios finais do trabalho de Ramos (2008), os alunos admitiram sentir se coagidos por outros alunos, evitando se expressar durante as aulas, revelando baixo

rendimento ao desenvolver qualquer atividade que precise ser colocada em prática a oralidade do individuo.

De acordo com os resultados do trabalho de conclusão de curso de Talita Neoti Favarro, *Bullying e Aprendizagem: Desafios e Possibilidades no Ambiente Escolar*, 2009. Os professores a serem questionados sobre a interferência do *bullying* no processo de ensino-aprendizagem, responderam que:

P1: “a criança que serve de motivos de risos aos outros geralmente apresenta dificuldade para se concentrar, falta interesse, motivação, se torna uma criança insegurança tirando-lhe a iniciativa e criatividade que são características muito presentes nas crianças”.

P2: “o bullying pode bloquear o ensino aprendizagem, pois dependendo da gravidade dos fatos poderá provocar um grande prejuízo à criança ou adolescente”.

P3: “falta de concentração durante as aulas, diminuição do rendimento escolar”.

P4: “falta de interesse, compromisso, motivação, respeito afetando o comportamento dentro do ambiente escolar”.

P5: “depende, se a criança for tímida, ela fica mais revoltada e quieta na hora, explode em casa. Outras revidam com socos e brigam provando que são fortes para não serem abalados”.

P6: “não só para a aprendizagem como todo lado emocional. A autoestima ‘cai por terra’ e os resultados são assustadores. A criança está em desenvolvimento e o que se registra nesta fase vai marcar para a vida toda. Mesmo que super intelectualmente, no inconsciente fica gravado e se manifesta em algum momento da vida. É muito triste. Pode ocasionar sérios problemas psicológicos e até psiquiátricos dependendo do caso” (FAVARO, 2009: p. 35).

Os autores do *bullying* poderão levar para a sua vida adulta o mesmo comportamento agressivo e antissocial dos tempos de escola. Essas atitudes agressivas poderão mais tarde vim a se desenvolver em violência doméstica, alguns estudos já indicam que autores de *bullying* se envolvem com mais frequência em atos criminosos (ABRAPIA, 2003).

As crianças e adolescentes que sofrem *bullying* poderão não superar os traumas sofridos durante os anos de escola. Poderão se tornar adultos com baixa autoestima, tendo assim sérios problemas de relacionamento e poderão desenvolver comportamento agressivo, até mesmo como mecanismo de defesa. Em casos extremos onde a crianças não tem nenhum tipo de acompanhamento por parte dos pais e da escola, o risco aumenta e poderão chegar a cometer suicídio (ABRAPIA, 2003).

O fato de testemunhar o ato de *bullying* já é suficiente para causar desinteresse pelo o ambiente escolar, as testemunhas se tornam inseguras, temendo que elas possam a vim se tornar vítimas diretas das agressões (NETO, 2005).

Diante das problemáticas decorrentes do *bullying*, cabem aos educadores, pais, políticos e a justiça intervir de forma que possa manter os princípios morais e sociais que

todo cidadão tem direito. De acordo com o artigo 5º da Constituição Federal de 1988: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade” (BRASIL, 1988).

## 1.6 Tragédias Decorrentes do *Bullying*

Como já foi dito por Guimarães (2009), o fenômeno *bullying* está presente no mundo inteiro e de acordo com Chalita (2008), o *bullying* é tão antigo quanto à escola. Infelizmente o *bullying* vem deixando marcas através do tempo, marcas essas que se concretizam por meio de tragédias, que acabam expondo a realidade do problema e das vítimas/vilões silenciosas (FANTE, 2006).

Infelizmente várias tragédias vêm ocupando os noticiários internacionais e nacionais nos últimos anos, o que tem forçado a conscientização pública sobre o *bullying* (FRANZEN, 2008).

No livro de Gabriel Chalita intitulado de *Pedagogia da Amizade*, *Bullying*, o sofrimento das vítimas e dos agressores, publicado em 2008, no capítulo 6 denominado pelo autor como “Experiências de fracasso”, Chalita discorre sobre algumas tragédias envolvendo casos extremos de vítimas de *bullying* que acabaram se tornando vilões, ao expressar todo o sofrimento que sentiam, em um parágrafo do livro é citado o seguinte:

No dia 27 de novembro de 2000, Damilola, um menino de 13 anos, foi esfaqueado na perna por colegas da escola primária Oliver Goldsmith, em Peckham, subúrbio do sul de Londres. Ele sangrou até morrer na escadaria do prédio onde morava porque a facada atingiu a artéria femoral. Foi encontrado por um pedreiro do prédio ao lado que, com a ajuda de moradores, ainda tentou salvá-lo, mas não conseguiu. Por ironia, sua família deixara a Nigéria, em virtude da violência no país, apenas cinco meses antes da tragédia. Segundo a mãe, Gloria Taylor, o filho era hostilizado pelos colegas por causa da nacionalidade. Ele contou que, dias antes de morrer, Damilola havia perguntado o significava a palavra gay, pois era constantemente chamado assim pelos meninos. Naquela manhã, Gloria acompanhara o filho até a escola e conversara com o diretor que, segundo ela, não deu importância ao caso. Horas mais tarde, o caso “sem grande importância” transformava-se numa tragédia (CHALITA, 2008: p. 144).

No ano de 1997, na cidade de Manchester, na Inglaterra, um aluno de 13 anos chamado de Vijay Singh escreveu em seu diário o seguinte texto: “Segunda – feira, lanche e dinheiro tomados a pauladas. Terça, bicha e chinês. Quarta, uniforme retalhado à faca. Quinta, sangue a jorros do nariz. Sexta, nada. Sábado, Liberdade”. Sábado foi o dia em o que Vijay Singh cometeu suicídio em sua casa (CHALITA, 2008).

Em 1997, um adolescente de catorze anos de idade, que morava na cidade de West Panducah, Estados Unidos da América, assassinou a tiros três colegas e feriu mais cinco

alunos da escola que estudava. No ano seguinte ocorreu que na cidade de Jonesboro, no estado de Arkansas, dois estudantes, um de onze e outro de treze, dispararam tiros em sua escola, que levaram a morte de quatro meninas e uma professora. Outra tragédia aconteceu na cidade de Springfield, estado de Oregon, onde um rapaz de dezessete anos matou a tiros dois colegas e feriu mais de vinte alunos, todas os assassinatos foram decorrentes de casos extremos de *bullying* (FRANZEN, 2008).

No ano de 1999, ocorreu que dois adolescentes Eric Harris e Dylan Klebold da cidade de Littleton, no estado do Colorado, também nos Estados Unidos da América, entraram em sua escola Columbine High School, e atiraram contra todos que viam pela frente, culminando na morte de doze colegas e uma professora e em seguida cometaram suicídio e em 2005, o jovem Jeffrey Weise de 16 anos, matou nove pessoas e depois se matou na Red Lake High School, em Minnesota (FRANZEN, 2008).

O caso mais recente em solo Americano aconteceu em 16 de abril de 2007, foi o massacre cometido por Cho Seung-Hui, que ocorreu na Universidade Virginia Tech, a tragédia foi classificada como a pior já ocorrida. O estudante coreano Cho Seung-Hui, tinha 23 anos e matou 32 colegas e professores e depois cometeu suicídio (FRANZEN, 2008).

Segundo a edição de quarta feira do Jornal Zero Hora, publicado em 18 de abril de 2007, foi encontrado no dormitório de Cho Seung-Hui um bilhete que deu pistas sobre o perfil psicológico do assassino e ajudou a entender as motivações que levaram Cho a cometer o massacre, no jornal havia o seguinte trecho:

No texto de tom ameaçador, o estudante atacou os “garotos ricos”, a “depravação” e os “enganadores”. – Vocês me obrigaram a fazer isso – escreveu no bilhete. – Ele era um solitário, estamos tendo dificuldades para obter informações a seu respeito – disse o porta-voz da Universidade Virginia Tech, Larry Hincker. – Ele era muito quieto e estava sempre sozinho – afirmou o colega Abdul Shash. Segundo Shash, Cho passava grande parte de seu tempo livre jogando basquete e não respondia quando alguém o cumprimentava. Conforme a polícia, o jovem chegou a receber tratamento para depressão.

Além das informações contidas no bilhete, o jornal Chicago Tribune informou em sua edição de ontem que o sul-coreano dava sinais de comportamento violento e fora do normal, tendo inclusive ateado fogo a um dormitório e assediado estudantes da universidade (RODRIGO LOPES, 2007: p.01).

Em abril de 2002, um rapaz de dezenove anos, residente na cidade Erkut, na Alemanha, matou dezesseis pessoas em sua escola, incluindo um policial que atendeu o chamado de emergência, Erkut cometeu suicídio logo após (FANTE, 2005).

Na Argentina, em outubro de 2004, um adolescente de 15 anos, matou três colegas e feriu outros sete em uma instituição de ensino em Carmen de Patagones. No mesmo ano, também na Argentina, outro estudante de 15 anos assassinou quatro colegas, sendo três meninas e um menino e depois se entregou as a polícia (CHALITA, 2008).

Outro parágrafo do livro de Chalita (2008), discorre sobre a tragédia cometida por Edmar Aparecido de Freitas, que ocorreu em janeiro de 2003, em Taiúva, estado de São Paulo. O autor descreve o seguinte:

... o adolescente Edmar Aparecido de Freitas deu fim a uma vida de humilhações e sofrimentos. Em desespero, feriu e se feriu para sempre. Apelidado de "elefante cor-de-rosa", "gordo", "mongoloide" durante onze anos, humilde e tímido, foi motivo de chacotas na escola. Por ser obeso era perseguido diariamente. Depois de perder 30 quilos, as perseguições mudaram de conteúdo. Passou a ser conhecido por "vinagrão", por ingerir vinagre de maçã todos os dias, pela manhã, para ajudar no emagrecimento. Depois de completar o ensino médio, então com 18 anos, comprou m revolver e disparou contra cerca de cinquenta pessoas, durante o horário de recreio da escola onde estudava. Os disparos atingiram sete pessoas. Todas sobreviveram, mas uma ficou paralítica. Edmar concluiu o desabafo desesperado suicidando-se com um tiro na cabeça (CHALITA, 2008: p. 144).

Em 4 de fevereiro de 2004, na cidade de Remanso, no estado da Bahia, um jovem de 17 anos foi preso após ter matado um colega de 14 anos e uma funcionária de uma escola de informática, o jovem fora a até a escola com o intuito de matar uma professora. Segundo o próprio jovem, o plano matar mais cem pessoas e depois cometeria suicídio, mas foi desarmado e preso (FANTE, 2005).

Um caso recente despertou à atenção de todos os brasileiros, foi à tragédia que aconteceu na Escola Municipal Tasso da Silveira, em Realengo, na Zona Oeste do Rio de Janeiro - Brasil, no dia 7 de abril de 2011, onde Wellington Menezes de Oliveira, ex-aluno da escola, vítima de *bullying* durante os anos de escola, atirou contra vários alunos, matando doze alunos entre 12 e 14 anos e depois de suicidou (JORNAL O GLOBO, 2011). Junto com o assassino foi encontrado uma carta que deixou claro que o massacre foi premeditado e que Wellington sofria de transtornos psicológicos, a carta dizia o seguinte:

Primeiramente deverão saber que os impuros não poderão me tocar sem luvas, somente os castos ou os que perderam suas castidades após o casamento e não se envolveram em adultério poderão me tocar sem usar luvas, ou seja, nenhum fornecedor ou adulterio poderá ter um contato direto comigo, nem nada que seja impuro poderá tocar em meu sangue, nenhum impuro pode ter contato direto com um virgem sem sua permissão, os que cuidarem de meu sepultamento deverão retirar toda a minha vestimenta, me banhar, me secar e me envolver totalmente despidos em um lençol branco que está neste prédio, em uma bolsa que deixei na primeira sala do primeiro andar, após me envolverem neste lençol poderão me colocar em meu caixão.

Se possível, quero ser sepultado ao lado da sepultura onde minha mãe dorme. Minha mãe se chama Dicéa Menezes de Oliveira e está sepultada no cemitério Murundu. Preciso de visita de um fiel seguidor de Deus em minha sepultura pelo menos uma vez, preciso que ele ore diante de minha sepultura pedindo o perdão de Deus pelo o que eu fiz rogando para que na sua vinda Jesus me desperte do sono da morte para a vida.

Eu deixei uma casa em Sepetiba da qual nenhum familiar precisa, existem instituições pobres, financiadas por pessoas generosas que cuidam de

animais abandonados, eu quero que esse espaço onde eu passei meus últimos meses seja doado a uma dessas instituições, pois os animais são seres muito desprezados e precisam muito mais de proteção e carinho do que os seres humanos que possuem a vantagem de poder se comunicar, trabalhar para se alimentarem, por isso, os que se apropriarem de minha casa, eu pelo por favor que tenham bom senso e cumpram o meu pedido, por cumprindo o meu pedido, automaticamente estarão cumprindo a vontade dos pais que desejavam passar esse imóvel para meu nome e todos sabem disso, senão cumprirem meu pedido, automaticamente estarão desrespeitando a vontade dos pais, o que prova que vocês não tem nenhuma consideração pelos nossos pais que já dormem, eu acredito que todos vocês tenham alguma consideração pelos nossos pais, provem isso fazendo o que eu pedi (OLIVEIRA, 2011, citado por, O Globo, 2011: p.02).

## REFERÊNCIAS

- ABRAPIA. Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. Rio de Janeiro. 2003.
- BARROS, Nazaré – Bullying: **Violência nas Escolas**. Coimbra: Bertrand Editora, 2010. ISBN 978-972-252-205-2.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 1988. Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao..Acesso em: 04 de outubro de 2011. 1988.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao..Acesso em: 04 de outubro de 2011. 1988.)
- CARVALHOSA, S; LIMA, L; MATOS, M. **Bullying - a provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português**. Disponível: <http://www.scielo.oces.mtces.pt/pdf/asp/v19n4/v19n4a04.pdf>. Acesso em 15 de setembro de 2011. 2001.
- CAVALCANTE, M. **Como lidar com brincadeiras que machucam a alma**. São Paulo. Revista Nova Escola. 2004.
- CHALITA, G. **Pedagogia da amizade – bullying: o sofrimento das vítimas e dos agressores**. São Paulo. Editora Gente. 2008.
- FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas – SP. Editora Versus. 2005.
- FANTE, C. **O Bullying: problema individual e social que invade as escolas brasileiras**. Disponível em: <<http://prtalliteral.terra.com.br/artigos/o-bullyingproblemaindividualessocialqueinvadeasescolasbrasileiras>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011. 2006.
- FAVARO. N. T. **Bullying e Aprendizagem: Desafios e Possibilidades no Ambiente Escolar**. Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Curso de Pedagogia. Criciúma – SC. 2009.
- FRANZEN. G. **BULLYING**. Instituto Superior de Educação de Cachoeirinha – CESUCA. 2008 Disponível em <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entID=1025>. Acesso em: 13 de outubro de 2012.

GUIMARÃES, J. R. **Violência escolar e o fenômeno ‘bullying’. A responsabilidade social diante do comportamento agressivo entre estudantes.** 2009. Disponível em: <<http://jusvi.com/artigos/41126>>. Acesso em: 15 de setembro de 2012.

JORNAL O GLOBO. **Massacre em Realengo.** 2011. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/infograficos/massacre-realengo/>. Acesso em: 13 de outubro de 2012.

LISBOA, C.S.M.; KOLLER, S.H. **O fenômeno bullying ou vitimização entre pares na atualidade: definições, formas de manifestação e possibilidades de intervenção:** Agressão no contexto educativo: Reportagem da realidade Latino americana. Santiago, Editorial Universitária. 2009.

NETO, L, A, A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** Rio de Janeiro. Porto Alegre, v.81, n. 5. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-pt). Acesso em: 15 de agosto de 2011.

RAMOS, A. K. S. **Bullying: A violência tolerada na escola.** 2008. Disponível em:<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>. Acesso em: 05 de maio de 2012.

SALMIVALLI, C.; LAGERSPETZ, K.M.J.; BJÖRKQVIST, K.; ÖSTERMAN, K.; KAUKIAINEN, A. **Bullying como processo de grupo: papéis de participantes e suas relações como o status social dentro de grupo.** Comportamento agressivo. 1998.

SANTOS, T. E. M; BARROS, F. O. Jr. **Bullying e identidade: repercussoes psicossociais em jovens de escolas públicas de teresina (pi).** Curitiba - PR: Editora Champagnat. 2010.

SCIENCENEWS. **Gene faz crianças mais vulneráveis a seus efeitos de bullying.** 2010. Disponível em: [http://www.sciencenews.org/view/generic/id/59487/description/Gene\\_makes\\_kids\\_more\\_vulnerable\\_to\\_bullyings\\_effects](http://www.sciencenews.org/view/generic/id/59487/description/Gene_makes_kids_more_vulnerable_to_bullyings_effects). Acesso em: 15 de dezembro de 2012.

SANTOS, Miguel Angelo do Nascimento. **O impacto do bullying na escola.** 2010. 100f. Monografia (Graduação). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas departamento de Sociologia – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, Monica da Silva; ALMEIDA, Telma Pileggi. **Bullying na escola: uma reflexão sobre suas características.** 2006. Disponível em: <http://www.fe.unicamp.br/contente/uuploads/2011/08/46-monica-valentin.pdf>. Acesso em: 23 novembro de 2011.

SILVA. A. B. B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas.** Rio de Janeiro. Editora Fontanar. 2006.

SILVA, A, P, L. **Bullying: um problema mundial no cotidiano de estudantes do Interior do estado de Mato Grosso - Cáceres Mt.** Universidade Estadual de Mato – Grosso. 2010.

SILVA. G. J. **Bullying: quando a escola não é um paraíso.** Jornal Mundo Jovem, ed. 364, 2006. Disponível em: <<http://www.mundojovem.pucrs.br/bullying.php>>. Acesso em: 15 de setembro de 2011.

TOGNETTA, L, R, P, **Violência na escola: os sinais de bullying e o olhar necessário aos sentimentos.** Construindo saberes em educação. Porto Alegre. Editora Zouk. 2005.

TORTORA. G, J. **Corpo Humano: fundamentos de anatomia e fisiologia.** Gerard J. Tortora, Sandra Reynolds Grabowski; tradução Maria Regina Borges-Osório. 6º edição. Porto Alegre. Artmed. 2006.

VIEIRA, L. K. **Os Grandes Desafios do Adolescente no Cotidiano Escolar.** Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Supervisão Escolar na Universidade Cândido Mendes. 2004.